

# Homero Silveira

CMP 2.1.9.60

Celso Maria de Mello Pupo

Pelo correr dos dois últimos séculos passados, em nosso velho e querido Portugal, era uso, para mostrar fidalguia, portar um nome quilométrico, composto de muitos apelidos de família, todos nobres, indicando uma honrosa e extensa árvore genealógica. Entre autores de livros publicados, cremos que dos mais longos divulgados foram os de João Carlos Feo Cardoso de Castelo Branco e Torres, autor de "Memórias Histórico-Genéalogicas dos Duques Portugueses", obra completada e publicada por outro que superou o primeiro e que se chamava Dom Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha d'Almeida Portugal Silva e Sousa, primeiro visconde de Sanches de Baena.

A estes, intelectuais historiadores que deixaram obras de valor nascidas de pesquisas trabalhosas e conduzidas com erudição, é impossível aplicar o dito popular que a muitos se aplicava com justiça, de que "maior é o nome que a pessoa".

Mas nos tempos de hoje, da velocidade, do resumo, da concisão, enfim, da pressa, podemos usar o dito inversamente e com sentido contrário: maior a pessoa que o nome, aplicando-o ao que vai abrindo estas colunas. Homero Silveira é um nome curto, mas de um grande intelecto, que também poderia usar outros apelidos como Bueno, Camargo e mais. Neste caso, o curto significa comprido em talento, erudição, simpatia, idealismo, dedicação e outros valiosos atributos.

Foi este o orador da última reunião da Academia Campinense de Letras. Paulista da gema, nasceu em Leme, no rastro dos bandeirantes de Goiaz; professor que exerceu o magistério primário e secundário, formou-se no Rio de Janeiro em medicina, e reuniu as cogitações de Hipócrates às insônias de Vieira, Camões, Mário de Andrade, Cassiano e outros, sem deixar de ser um professor emérito, quer na crítica literária em que pontifica, quer como conferencista em que excele.

Colaborador na imprensa, ensaísta e conferencista, Homero Silveira dispõe de especial privilégio na sua capacidade de transmitir conhecimento, como professor ideal que abre os ouvidos de quem o ouve, ilumina o entendimento e transmite o conhecimento que logo empolga o ouvinte, dispondo-o para beber as palavras como sedento que não quer perder

uma só gota, encantando pela magia e pela segurança da erudição, pela elegância do expor e pela simpatia a irradiar da fala, do gesto, da expressão do mestre.

Foi este orador modernista que trouxe para a Academia Campinense, para românticos, a centelha da poesia moderna com o brilho do seu talento, transmutando o sentir de prevenção, a tendência para a hostilidade, em acolhimento risonho; para tanto, manifestou, desde logo, seu encanto pelo ambiente da nossa Academia que ele esperava pesado, solene, de escuros móveis com adornos clássicos, mas que ele encontrou ameno, ridente, de atavios plásticos, leves como uma escola de adolescentes.

Iniciou o orador a sua palestra, pela definição de poesia; no entender de Mário de Andrade e outros, é emoção pessoal mais o talento de dizer, despedido do formalismo antigo da métrica e da rima; enquanto Cassiano Ricardo exclui dela a emoção do poeta, diferindo, assim, as duas correntes, uma querendo a sensibilidade humana e outra materializando, ou antes, desejando materializar a arte poética, como se fôsse possível haver arte sem alma, como se, realmente, o verdadeiro poeta não tivesse coração, o que inspirou a deliciosa quadrinha de Marina Tricânio:

"Na minha filosofia  
eu penso como serão  
os corações sem poesia,  
poesia sem coração".

Ensinou o mestre que "a arte deixou de ser a imitação da natureza, dinamizando-se num sentido criador, sob fundamento filosófico de liberdade estética", o que não se faz sem talento, distinguindo-se, então, como em todas as escolas, a obra do verdadeiro poeta, a verdadeira poesia moderna, da mediocridade que derrama versos sem valor e significação, no que concordam modernistas e passadistas, fazendo-nos pensar que ainda valem as observações de Horácio, como diz Cândido Lusitano:

"Se um pintor à cabeça humana unisse  
pescoço de cavalo, e de diversas  
penas vestisse o corpo organizado  
de membros de animais de toda a espécie,  
de sorte que a mulher de belo aspecto  
em torpe, e negro peixe rematasse;  
vós chamados a ver esta pintura;  
o riso sofreríeis?".

Numa exposição luxuriante de citações de artistas modernos, num conhecimento bibliográfico abundante, discorreu o orador pelo campo da poesia moderna, distinguindo, definindo, historiando, afirmando a cristalização de um evoluir evidente, de uma transição da arte poética, para chegar ao final da sua palestra explanando sobre o concretismo que o orador admira e que o empolga. Este seu final, também claro e encantador, transmitiu para o auditório, toda a emoção que sentia com o poema encerrado em um "cântaz"; e alcançou comover ouvintes, ao descrever o significado sentimental do poema composto, apenas, com duas palavras, emocionante para quem o entende e o absorve.

Para ouvintes que percorreram na estrada da vida mais quilômetros, não deixou de nascer a recordação de épocas passadas, em que uma artista, poetisa do pincel, em que outro artista, cinzelador da frase, em que Anita Malfati e Osvaldo de Andrade, arrojados e entusiastas, aos impulsos da guerra de Marinetti contra o que chamava academismo, quando Osvaldo sentiu o que confessaria, "eu nunca fui capaz de contar sílabas, a métrica era coisa a que a minha inteligência não se adaptava" — agitaram os meios artísticos com a audácia dos pioneiros.

Numa festiva concórdia unem-se modernos e passadistas: só o talento faz poesia; "há poetas modernos que são mesmo poetas e grandes poetas", afirma o confrade Mangabeira. E já que falamos em poetas, permitam transcrever o "Escuta..." da mesma doce Marina que já citamos:

"Escuta, se te contarem  
que o vento passa chorando...  
escuta, se te falarem  
que há passarinhos cantando  
nos galhos altos, dispersos,  
não creias, não, ó meu bem...  
São os meus cantos, meus versos,  
dizendo as mágoas que têm..."